



ÉMILIE DU CHÂTELET E A MATERNIDADE PRETERIDA

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

PEREIRA; JAENE GUIMARÃES PEREIRA ¹, SILVA; ANA PAULA BISPO DA ²

RESUMO

ÉMILIE DU CHÂTELET E A MATERNIDADE PRETERIDA

“É o cuidado que você dedicou a sua rosa que a faz tão especial” (SAINT-EXUPÉRY em O Pequeno Príncipe, p. 101).

Introdução

Este é um recorte de uma pesquisa mais ampla, de cunho bibliográfico e natureza historiográfica, visando à defesa de uma tese de doutorado que busca o resgate da história de uma Marquesa do século dezoito, suas contribuições à filosofia natural em uma narrativa histórica engendrada na perspectiva pós-estruturalista das relações de gênero vividas pela personagem. Para uma maior compreensão, se apresentou imperioso entender como a maternidade foi vivida e se esta teve alguma influência ao longo de sua trajetória como filósofa natural. Sem, no entanto, entrar na discussão dos papéis desempenhados pelas figuras masculinas e femininas, aqui nos ateremos a aspectos pontuais inerentes a sua maternidade.

Crenças, culturas, tradições, ditam papéis, identidades, modelos, etc. atribuídos aos sujeitos da mesma forma que a maternidade gera expectativas, frutos de sua época e de experiências pessoais[1].

A maternidade vivida por Émilie du Châtelet

Para Émilie du Châtelet (1706-1749) isto não foi diferente. Marquesa de berço, casa por conveniência dentro das regras de seu meio social, aos dezenove anos, com um marido cortês, discreto e amigo, que esteve ao seu lado até seu leito de morte.

Mesmo cumprindo com as obrigações que sua posição lhe conferia, seu marido a deixava livre para ler livros de Geometria e ter lições de Matemática com um de seus vizinhos, o Sr. Mézières. O que parecia perfeito se não fosse à descoberta de sua primeira gravidez em novembro de 1725. Aparentemente a procriação estava mais para um dever do que um prazer[2].

A relação que mantinha com seu marido lhe permitia, por exemplo, que desse à luz a sua primeira filha longe do pai, em 30 de junho de 1726. Em seu retorno, por volta de março de 1727, confirma

¹ UFRN, jaene.guimaraes.072@ufrn.edu.br

² UEPB, silva.anapaulabispo@gmail.com

sua segunda gravidez. Enquanto aguarda o parto previsto para acontecer em 20 de novembro de 1728, se dedica a Geometria de Locke. Logo após o nascimento do seu segundo filho, se separa novamente do esposo, sempre de forma consensual e amigável, mantendo apenas suas obrigações oficiais de família.

Fica grávida pela terceira vez em 1732. Em janeiro de 1733 seu esposo é convocado para a guerra de sucessão da Polônia e Émilie se vê livre e se lança no mundo parisiense sem medo do julgamento das pessoas, entregando-se aos prazeres de uma vida celibatária[3].

Para o círculo social da Marquesa, aleitar é impróprio e indigno de sua posição. Ela não o fez, e em nenhum momento suas cartas já rastreadas por Badinter[4] (2003) e outros biógrafos como Zinsler[5] (2006) e Bodanis[6] (2012), ela revela desejo de exercer qualquer função que hoje é atribuída a uma mãe, desde os cuidados após o nascimento e a posterior educação. As mulheres da aristocracia que demonstravam interesse pelas funções maternas, ou descontentamento por não poderem exercer, eram repreendidas por seus cônjuges e sociedade, isto era algo inconcebível, a exemplo da Madame d'Épinay (1726-1783) reconhecida escritora francesa que teve uma obra premiada pela academia francesa em 1783, que diferente da Émilie demonstrava afeto pelos seus filhos e desejava lhes dar os cuidados que sua posição social não permitia[7].

O que uma Marquesa, mãe e esposa, livre de obrigações que estes títulos lhes atribuem, faria com o seu tempo? Em seu livro autobiográfico, Émilie discorre sobre a felicidade, cuja base está nos estudos. Por isso, nossa personagem dedica grande parte da sua vida aos estudos; e a outra parte a amores extraconjugais, teatro, festas e jogos, fazendo recomendações às mulheres de seu tempo.

Mesmo com três filhos na legalidade do matrimônio, Badinter (2003) afirma que em nenhum momento Madame du Châtelet menciona sua condição de mãe com emoção. Quando perde um filho de dezesseis meses, após passar um tempo cuidado “em vão” pois mesmo assim ele morre, ela envia uma carta a seu amante Maupertuis: “Meu filho morreu esta noite, senhor, confesso-vos que estou muito aflita. De nenhum modo sairei, como bem sabeis. Se quiserdes vir me consolar, vós me encontrareis só. Não estou recebendo ninguém mas sinto que sempre tenho muito prazer em vos ver”[8]

Pouco tempo depois, volta a falar deste episódio em carta com um amigo, onde expressa se sentir bastante contrariada com a morte de seu filho mais novo e segue falando sobre seus estudos. Sobre os outros filhos raramente menciona, com exceção de preocupações sobre a educação de seu filho, quando pede para Voltaire designar um preceptor. O problema é que este é menos qualificado que ela, e Émilie lhe dá lições para que ele ensine o seu filho, mas a insolência do preceptor prejudica o acordo.

Sobre a filha, Badinter aponta que só encontrou cartas da Madame de Graffigny com referências, em que ela escreve:

Ela é grande como era Minette quando a coloquei no convento. Não é bonita, mas fala como sua mãe, com todo o espírito possível: aprende o latim, gosta de ler, não renegará seu sangue. Aprendeu Mathe (seu papel) na diligência, vindo de Joinville para cá: são apenas quatro léguas.[9]

Este foi o período em que Émilie mandou buscar sua filha no convento perto de sua casa para participar de uma peça de teatro. Mesmo estando próximo do Natal, não a permitiu estender a sua estadia para celebrar com a família. Diferente de seu irmão que teve a oportunidade de desenvolver seus estudos no meio familiar, sua filha não teve a chance de desenvolver o potencial que Madame Graffigny aponta em sua carta.

Parece-nos que a convivência de Émilie com seus filhos é mínima, praticamente nula. O filho a quem cedeu mais de seu tempo foi o que faleceu com pouco mais de um ano, o único que ela menciona com afeto.

Era comum e esperado para sua época e classe social que a educação dos filhos fosse entregues a conventos e tutores no geral, e que o aleitamento materno fosse realizado pelas amas de leite. A Marquesa seguiu o esperado e não demonstra nenhum descontentamento com isso, pelo contrário,

¹ UFRN, jaene.guimaraes.072@ufrn.edu.br

² UEPB, silva.anapaulabispo@gmail.com

aproveita essa liberdade para se dedicar aos seus estudos.

Mesmo que seu filho estivesse sob o mesmo teto, isso não era garantia de convivência com a mãe. Badinter^[10] afirma que a Marquesa jamais compartilhava da mesa com seu filho, ao contrário do Sr. du Châtelet, que sempre fazia suas refeições com o filho e seu preceptor.

Conciliando estudos e maternidade

Émilie estava inclinada a pagar pela melhor educação que estivesse disponível para seus filhos, contanto que isso não significasse ceder seu tempo precioso. Em 1741 concluiu seu livro *Institutions de Physique* (Instruções de Física), oficialmente destinado à educação de seu filho, com dedicatória. Depois parte em busca de um professor de matemática, mesmo ela sendo a mais indicada para as lições.

Este trabalho possui 450 páginas, e se apresenta como uma fonte de discussão sobre filosofia natural e os aspectos didáticos, uma vez que este material foi desenvolvido com esta finalidade. Não há, até o momento a tradução do Instruções de Física para o português.

Sua primeira publicação foi a Dissertação sobre a natureza e propagação do fogo (*Dissertation sur la nature et la propagation du Feu*), feito de forma anônima e secreta. Depois lhe foi reconhecida a autoria e entregue uma insigne consolação do *imprimatur*. Este reconhecimento por parte da Academia Francesa sem dúvida é um grande feito, fruto de seu comprometimento durante todo o verão de 1737. Talvez, este fato tenha dado a Marquesa a segurança necessária para escrever seu livro.

Sua última publicação foi a tradução e os comentários do *Principia de Newton*, para o qual começou a se dedicar por volta de 1740, publicando-os postumamente em 1759, dez anos após sua morte. Em 1747, quando seus filhos tomam o rumo de suas próprias vidas, Émilie escreve um pequeno tratado sobre a felicidade.

Nesta pequena semi autobiografia onde discorre sobre a felicidade, *Discours sur le bonheur* (Discurso sobre a felicidade) descreve a fonte da felicidade humana^[11]. Em nenhum momento a maternidade é apontada, o que nos leva a apontar sua indiferença quanto à maternidade.

Considerações e indagações finais

Será que a maternidade levada nesse período, por esta classe social, se apresenta como um privilégio para as mulheres? Se a Marquesa não dispusesse desse privilégio teria conseguido dar frutos a seus estudos?

Seu descrédito e apagamento da história da ciência se deram após sua morte e há algumas razões, uma delas é atribuída ao sexo da Marquesa. Seja por não se adequar ao papel idealizado para as mulheres de seu tempo, nem mesmo o nosso, e portanto não ser exemplar; seja por questionamentos quanto à originalidade de suas publicações. Afinal, como uma mulher teria intelecto suficiente para escrever desta maneira? Questionavam-se^[12]

Talvez por ironia do destino, seu falecimento se deu por complicações do seu quarto parto, fruto de suas aventuras. Quantos julgamentos e amarras nós mulheres somos submetidas, apenas por ser quem somos? Discutir a parentalidade é revolucionário por ser algo que vai de contra as ideias essencialistas, amplamente usadas durante um longo período de nossa história.

Era inadmissível que uma mulher não quisesse ser mãe. Existe um mito voltado para a ideia de que toda mulher nasce com o instinto materno, detendo um amor incondicional pelo seu filho, antes mesmo de este nascer. Tal expectativa que gera um fardo pesado.

Mesmo para as mães do século XVIII como Émilie, era cobrado esse amor. Ainda que costumeiramente ao nascerem, as crianças eram entregues às amas de leite e só retornavam à

¹ UFRN, jaene.guimaraes.072@ufrn.edu.br

² UEPB, silva.anapaulabispo@gmail.com

família após cinco anos. Como construir o laço parental, nessas condições? Como mencionado antes, a educação dessas crianças eram entregues a outros, o convívio familiar era mínimo.

Na década de oitenta, Badinter lança seu livro: *L'amour en plus* (Amor além disso), que foi traduzido de forma errônea para o português como "Um amor conquistado: o mito do amor materno". Este título nos leva a crer que não existe o amor materno. Porém, em nenhum momento a autora nega a existência desse amor; o que ela diz ser um mito é a ideia de que a mulher já nasce com o instinto materno.

Badinter^[13] discute como no decorrer da história a função dos pais e cuidadores de crianças muda, e que essa relação é complexa e precisa ser mediada. Um fator bastante recorrente de grande impacto nessas relações é o discurso religioso, evocado constantemente para dar autoridade a quem o usa.

Ao se deparar com a história da Marquesa Émilie du Châtelet e como ela vive a maternidade, sem no entanto, conhecer seu contexto, é não levar em consideração o que Badinter^[14] discute, sobre o mito do instinto materno inato das mulheres. Entre outras questões que não vamos abranger, somos levados a fazer julgamentos de valor de forma misógina e sexista fundamentalmente baseados em um essencialismo que não existe.

O entendimento de Badinter parece se confirmar quando observamos a nossa personagem demonstrar mais afeto pelo seu filho que viveu apenas dezesseis meses, do que pelos outros dois, os quais tiveram uma vida mais longa e lhes deram netos. Émilie conviveu mais tempo com o seu filho falecido, considerando que o amor é algo construído com o tempo.

A relação entre maternidade e ciência, pode ser encarada como algo ambivalente, e neste sentido, a maternidade pode vir a ser um obstáculo considerável para uma mulher ter sua carreira científica com sucesso. No caso da nossa personagem, a maternidade não a impediu de se dedicar à filosofia natural, mas também não foi fonte de felicidade.

A maternidade pode não ter matado a filósofa natural, pois Émilie não a exerceu; mas definitivamente foi a causa de sua morte.

Notas e referências bibliográficas

[1] BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra, Editoria Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.

[2] BADINTER, E. **Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII**. São Paulo: Discurso Editorial/Duna Dueto/ Paz e Terra, 2003.

[3] Idem, p.108

[4] Idem.

[5] ZINSSER, J. **Émilie Du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment** New York: Penguin Books, 2006.

[6] BODANIS, D. **Mentes apaixonadas**. Tradução de Camila de Melo Araújo, Editora Record, Rio de Janeiro, 2012.

[7] BADINTER, 2003, op. cit., p. 117

[8] Idem, p. 120

[9] Idem, p. 121

[10] Idem, p. 123

[11] DETLEFSEN, K. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Edição de inverno de 2018. Disponível em <<https://plato.stanford.edu/archives/win2018/entries/emilie-du-chatelet/>>.

[12] PEREIRA, J. G.; SILVA, A. P. B. **Marquesa du Châtelet na História da Ciência do Século 18**, Editora Ampla, cap. XXVI, p. 307-317, 2021.

¹ UFRN, jaene.guimaraes.072@ufrn.edu.br
² UEPB, silva.anapaulabispo@gmail.com

[13] BADINTER, 1985.

[14] Idem

PALAVRAS-CHAVE: Mulher e Ciências; Émilie; Filosofia Natural